PEREGRINANDO COM O EVANGELHO DE MARCOS

Artur Peregrino

> *"De madrugada, estando ainda escuro, ele se levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava. Simão e os seus companheiros o procuravam ansiosos e, quando o acharam, disseram-lhe: 'Todos te procuram'. Disse-lhes: 'Vamos a outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu saí'. E foi por toda a Galiléia, pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios"* (Mc 1,35-39).

Introdução

Este artigo quer nos convidar a fazer uma peregrinação pelas estradas poeirentas do Nordeste do Brasil. Quer ser uma conversa de caminheiros descobrindo o Evangelho da estrada, expresso no Evangelho de Marcos. Evangelho que vai sendo conhecido a partir das ações de Jesus.

Foi caminhando com o Evangelho de Marcos que o Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste tentou viver a experiência de Jesus nas estradas do Nordeste. O estudo do Evangelho de Marcos foi se fazendo na prática desse grupo. Foi nos embates da estrada que a experiência do Evangelho se tornou concreta e que se foi percebendo que é através da atividade de Jesus que o anúncio e a concretização do Reino de Deus se cumprem: "O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia" (Mc 1,15).

Descrevemos uma experiência de peregrinação, vivida por um grupo no coração do Nordeste. Num primeiro momento, descrevemos o sentido antropológico-cultural do ser peregrino e ao mesmo tempo tentamos dizer uma palavra sobre a dura realidade, considerando os aspectos econômico, social e político. Em seguida, partilhamos uma história de peregrinação atual envolvendo um grupo de peregrinas e peregrinos, colocando em destaque uma peregrinação acontecida na região da várzea paraibana. Tentamos também partilhar um estilo de leitura do Evangelho de Marcos a partir de uma peregrinação encarnada no meio do povo pobre do campo. Na medida em que íamos peregrinando, ia se fazendo a leitura do mesmo. E por último fizemos a constatação de que a peregrinação do discipulado de Jesus não acaba nunca. É preciso reinventar o cristianismo, olhando sempre para o Evangelho da estrada. Precisamos de iniciativas audaciosas para retomar o caminho de Jesus, o Cristo Peregrino.

O Evangelho da Estrada nos ensina que a Boa Notícia de Jesus tem a dinâmica dos pobres, pelos pobres, a partir dos pobres, por meios pobres. Puro serviço, sem ressaibos de dominação, confiança posta unicamente em Deus, cujo Reino não vem

à maneira dos poderosos, mas sem aparato, nem barulho, na humildade (Mc 11,1-10) e no silêncio (Mc 4,26-30).

1. Um primeiro olhar: o povo peregrino

O significado antropológico-cultural do ser peregrino é que o ser humano é um eterno caminhante. Está sempre em viagem. A própria vida está dividida em várias caminhadas: infância, adolescência, juventude, idade adulta, velhice. A própria morte é considerada como a "última viagem". Existe um hino cantado pelo povo peregrino do sertão que expressa essa dimensão da vida como peregrinação:

"Nossa vida é uma passagem,
Na cidade ou no sertão,
Nossa morte é uma viagem,
Em busca da salvação".

A vida se torna um grande ritual de passagem para uma vida que se espera que seja sempre melhor.

A palavra "peregrinação" tem recebido diversos significados no decorrer da história. O termo "peregrinus" é uma substantivação do advérbio *peregre* (de 'per' e 'ager'). Etimologicamente, indica aquele que se encontra "per agros", isto é, pelos campos, fora do lugar de residência. Posteriormente, o termo *peregrinus* também foi usado para indicar

> *"aquele que saía de sua casa ou de sua pátria por um motivo qualquer. Durante os primeiros séculos do cristianismo, 'peregrinus' se referia ao estrangeiro, em oposição ao 'cives', cidadão que tem direito à cidade"*[1].

Na nossa realidade nordestina, vive-se profundamente este ser peregrino. Quem conhece o Brasil, sobretudo o Nordeste, sabe que, como em toda a América Latina, um dos elementos mais comuns do catolicismo é o costume de fazer peregrinações, ou romarias, a santuários de sua devoção.

Também a pobreza estrutural leva milhares de pessoas a fazerem uma peregrinação forçada de lugar em lugar. As migrações no Nordeste assumem proporções alarmantes. Um em cada três nordestinos é migrante. A grandiosidade numérica do fenômeno causa admiração. É a exploração econômica que determina o movimento migratório. O Nordeste como terra de peregrinação e especialmente o sertão foi descrito por João Cabral de Melo Neto em sua poesia *Morte e Vida Severina:*

"E se somos severinos,
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina;

1. MAIA, Pedro. *Peregrinos da Santíssima Trindade* (1). São Paulo: Loyola, 1986, p. 9.

que é morte que se morre
de velhice, antes dos trinta,
de emboscada, antes dos vinte,
de fome um pouco por dia"[2].

De fato, o sertão está sempre relacionado, de modo geral, à imagem da seca, da pobreza e da fome.

Muitas vezes quando se fala do Sertão e Agreste nordestino se associa a migração. De maneira precisa, o Pe. Oscar Beozzo faz um esboço em grandes linhas desse processo migratório e constata que

> *"o Brasil tornou-se um país de intensos e dramáticos deslocamentos de população... Não menos intenso é o fluxo para as cidades, acumulando-se nas periferias uma massa de população sem moradia, sem trabalho, sem infra-estrutura de saneamento, água potável e sem a rede de serviços mínimos, necessários à sobrevivência: ruas transitáveis, transporte coletivo, coleta de lixo, escola, creche, posto de saúde, segurança.*
> *Isto caracteriza o que salta aos olhos na experiência de hoje: um povo sem terra para trabalhar no campo, sem um chão para morar nas cidades, sem eira nem beira para sobreviver. Este seqüestro da terra, que está na raiz da maior parte dos processos migratórios, aliado a uma organização econômica que empurra a mão-de-obra para ciclos econômicos cambiantes ao sabor do mercado internacional, explica parte importante dos fluxos migratórios atuais"*[3].

E o tema da migração, por sua vez, liga-se imediatamente com o tema religioso[4]. Migração, peregrinação e romaria tomam acentuadas semelhanças. Todas elas problemáticas dentro de um contexto peculiar. A problemática social não pode ser desvinculada da religião. A problemática social é fruto de uma situação econômico-político-religiosa que pode ser chamada "prática secular" no país. Há vários séculos se vive uma declarada apartação social[5] no Nordeste.

2. Uma experiência do Evangelho de Marcos: O Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste

O Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPNE) se colocou na estrada e caminhou em uma região de 20 mil hectares de terra na região da várzea da Paraíba.

2. MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros Poemas em Voz Alta.* Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974, p. 74.

3. BEOZZO, José Oscar. *Brasil: 500 Anos de Migração.* São Paulo: Paulinas, 1992, p. 6.

4. Já é notório que, na medida em que a situação social fica mais difícil para o pobre, aumentam enormemente as migrações, que por sua vez aumentam a procura religiosa. Nos tempos de crise, os santuários populares chegam a receber três vezes mais romeiros e romeiras.

5. Apartação é o sistema econômico onde os indivíduos de uma sociedade são tratados separadamente, conforme a categoria econômica a que pertencem: incluídos ou excluídos da modernidade. A apartação separa as ilhas de riqueza dos anéis de pobreza. INESC. *Subsídio, texto para reflexão e estudo.* Brasília: INESC, 1994.

Este artigo quer partilhar uma experiência bíblica vivida nas estradas do Nordeste por um grupo de cristãos[6]. Para isso se faz necessário falar um pouco da experiência do grupo.

2.1. Pequeno histórico

Já faz 14 anos que caminhamos pelas estradas empoeiradas do Nordeste brasileiro. O espírito com que caminhamos permanece sempre o mesmo:

1º. Não andar de outra maneira a não ser a pé;

2º. Não carregar nem receber dinheiro;

3º. Caminhar unidos com todas as Igrejas;

4º. Ter tudo em comum;

5º. Ter um carinho todo especial com as vítimas da prostituição, as crianças, os doentes;

6º. Ter consciência de que se deve converter-se e deixar-se evangelizar pelos pobres;

7º. Falar abertamente e sem medo, pelo anúncio profético da Palavra de Deus;

8º. Contemplar na oração, sobretudo na celebração eucarística e na solidariedade do encontro, os rostos do Cristo sofredor em toda região por onde andamos (*Puebla* 31-39);

9º. Encontrar a juventude onde ela se encontre, transmitindo uma mensagem de confiança e esperança.

10º. A exemplo de Maria Peregrina, ser mãe do outro na alegria e simplicidade.

O histórico do nosso grupo remonta ao início do ano de 1986. Nossa experiência está ligada à experiência do discipulado de Jesus.

> *"Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu Simão e André, o irmão de Simão. Lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: 'vinde em meu seguimento e eu vos farei pescadores de homens'. E imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram"* (Mc 1,16-18).

O Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPNE) surgiu em 1986 com a primeira peregrinação para o Juazeiro – CE. Surgiu com uma marca bem clara: reinventar o cristianismo primitivo. Tendo presente a motivação mais profunda do Evangelho: a misericórdia ativa e eficaz de Cristo para com os sofredores: *"Ao descer da barca, Jesus viu todo aquele povo e sentiu compaixão dele, pois eram como ovelhas sem pastor"* (Mc 6,34; 8,2; 14,27). E nesse sentido entramos em comunhão com a grande tradição peregrina.

O GPPNE tem em torno de 25 membros efetivos espalhados pelos Estados do Nordeste. São pessoas que prestam serviços em várias áreas; alguns solteiros e outros pais e mães de família. São trabalhadoras e trabalhadores do campo e da cidade. Exercem

6. Participaram desta peregrinação na várzea da Paraíba as seguintes peregrinas e peregrinos: Marcos Beato, BA – Valdo Monge, AL – Maria da Penha, PE – Jorge Monteiro, RJ – Antônio José, MA – Edileuza Oliveira, AL – Artur Peregrino, PE – Sandra Cigana, PE – Antônio Franciscano, PE – Fr. Eliomar, PE – Cícero Lourenço, PE – Sirlene Lopes, AL – Chico Xucuru, PE – Lígia Pimenta, PB – Francisco de Assis – PB.

serviços na área da educação, da saúde alternativa, na área pastoral como: Pastoral da Terra, Pastoral dos Pescadores, Pastoral da Criança, Pastoral dos Presídios. A dinâmica interna do grupo obedece um calendário de compromissos criado para a vida do grupo.

Nossa maneira de nos organizarmos é muito simples. Temos um secretário do grupo que fica responsável para receber as notícias de todo o grupo. A cada mês envia uma cartinha para cada membro do grupo. Nessa carta vão as últimas notícias de todo o grupo em relação aos vários assuntos de interesse, sobretudo informes sobre a próxima peregrinação (mapeamento, objetivos, confirmação de participação etc.). Também temos um tesoureiro para juntar as contribuições de todos. Cada membro do grupo é convidado a doar uma importância para a caixinha do grupo no sentido de socorrer os mais precisados.

A cada ano há um encontro anual com todos os membros do grupo. Pela experiência escolhemos a primeira semana após o carnaval (início da Quaresma) para realizar o nosso encontro anual. É um encontro de espiritualidade, de avaliação, planejamento e confraternização. Sempre realizamos este encontro na Comunidade Contemplativa do Discípulo Amado, que fica na Serra da Catita em Colônia Leopoldina – AL. Essa comunidade monástica tem sido para todo o grupo um lugar de parada para tomar um pouco d'água, descansar e, em seguida, continuar a caminhada. É uma comunidade orante que fica encravada no meio dos canaviais sendo regada por cachoeiras de águas límpidas. Todo o ambiente convida ao deserto. *"De madrugada, estando ainda escuro, ele se levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava"* (Mc 1,35).

A peregrinação anual é realizada normalmente sempre no mês de julho. Isso para facilitar a participação de todos. Durante a existência do grupo fizemos caminhadas em quase todos os estados do Nordeste. Com uma presença bem acentuada nos sertões. Vejamos as peregrinações realizadas pelo GPPNE:

- A primeira peregrinação (1986) a pé foi feita (Zona da Mata, Agreste e Sertão) de Pernambuco para o Juazeiro do Norte – CE.
- A segunda peregrinação (1987) nos levou (Agreste, Zona da Mata e Litoral) por todas as cidades da diocese de Palmares – PE.
- A terceira peregrinação (1988) aconteceu (Zona da Mata) nos 42 engenhos da cidade de Xexéu – PE.
- A quarta peregrinação missionária (1989) aconteceu (Zona da Mata, Agreste e Sertão) saindo novamente de Pernambuco para o Juazeiro – CE.
- Na quinta peregrinação (1990) percorremos 600 km (Zona da Mata, Agreste e Sertão) da Serra da Barriga – União dos Palmares – AL até Canudos – BA.
- Na sexta peregrinação (1991) saímos do Juazeiro – CE e fomos para o Caldeirão do Beato Zé Lourenço – Crato – CE.
- Na sétima peregrinação (1992) saímos da capital de Pernambuco – Recife para Ribeirão (Zona da Mata) – PE, com a finalidade de criar grupos solidários no meio dos pobres.

• Na oitava peregrinação (1993) fizemos a nossa 2ª peregrinação, saindo de Crisópolis – BA, para Canudos – BA, por ocasião da chegada centenária de Antônio Conselheiro em Canudos – BA.

• Na nona peregrinação (1994) seguimos um itinerário de 330 km, traçando o mapa da fome na região, dirigindo-nos de Pernambuco (Zona da Mata) até a Vila Franciscana – Quebrangulo – PE.

• Na décima peregrinação (1995) comemoramos os 300 anos de Zumbi dos Palmares e resolvemos sair da Praça do Carmo, no centro do Recife, levando a réplica da cabeça de Zumbi (Zona da Mata – PE e AL) para devolvê-la na Serra da Barriga – União dos Palmares – AL.

• A décima primeira peregrinação (1996) seguiu o itinerário das Casas de Caridade do Pe. Mestre Ibiapina (Agreste e Sertão) e saímos de Pernambuco com destino a Santa Fé do Ibiapina – PB.

• A décima segunda peregrinação (1997) lembrou o centenário do massacre de Canudos (Sertão) e caminhamos de Uauá – BA até Canudos – BA.

• Com a décima terceira peregrinação (1997) mais uma vez voltamos (Sertão) a Canudos para denunciar o massacre, saindo de Monte Santo – BA até Canudos – BA.

• A décima quarta peregrinação (1998) nos fez novamente voltar às terras do Caldeirão e desta vez saindo de Sertânea para o Cariri cearense – Crato – CE.

• A décima quinta peregrinação (1999) aconteceu na região da Várzea da Paraíba (Zona Canavieira) onde visitamos uma área rural de 20 assentamentos e algumas vilas presentes nas cidades de Sapé, Sobrado e Cruz do Espírito Santo – PB.

2.2. Liturgia nas estradas

O GPPNE tem uma preocupação bem clara, que é a celebração da vida. A liturgia passa a ser um ponto forte em toda a caminhada. A liturgia de Cristo e dos/as peregrinos/as consiste antes de tudo num serviço a Deus, que passa necessariamente pelo serviço aos nossos semelhantes, sobretudo pela solidariedade aos excluídos da sociedade. Esse é o culto existencial que agrada a Deus.

Temos sempre celebrações nas comunidades onde passamos. E nesse aspecto sempre renovamos os nossos compromissos no nosso encontro anual. Segue uma parte do ritual de compromisso e envio dos/as peregrinos/as:

RITO DA PEREGRINAÇÃO

ATO DO COMPROMISSO

1. Jesus rezou: "Eu te bendigo, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos humildes".

– Você promete viver na oração, na presença constante do Senhor nosso Deus, respeitando os momentos de oração na caminhada?

R. Prometo.

2. "Tudo que fizeres a um menor dos meus irmãos é a mim que o fazes", disse Jesus.

– Você promete viver na busca do Senhor, que de uma maneira particular está presente nos sofredores, injustiçados e humilhados dessa sociedade?

R. Prometo.

3. "Ai de mim se não evangelizar", disse o apóstolo Paulo.

– A exemplo dos profetas e profetisas, você promete anunciar a justiça de Deus e denunciar as injustiças encontradas ao longo da caminhada?

R. Prometo.

4. "É preciso ir para outras cidades e povoados para lá anunciar o Evangelho", disse Jesus.

– Você promete caminhar só a pé e testemunhar o Deus Peregrino, que toma as dores do povo sofrido do Nordeste?

R. Prometo.

5. "Não leveis nem ouro e nem prata pelo caminho", disse Jesus.

– Você promete não receber dinheiro e viver no despojamento radical onde todos possam ver que "só Deus é grande"?

R. Prometo.

6. "Que todos sejam um", disse Jesus.

– Você promete procurar viver a comunhão com igrejas irmãs e expressões de fé, presentes na nossa realidade, e incentivar o diálogo ecumênico durante toda a caminhada?

R. Prometo.

7. "Oi que prazer, que alegria o nosso encontro de irmãos", diz o salmo 133.

– Você promete cultivar e viver o espírito fraterno entre os membros do grupo, tentando de maneira carinhosa ser pai e mãe um do outro partilhando a oração e a alimentação?

R. Prometo.

ORAÇÃO

Ó Deus que criaste o céu e a terra e que inspiraste em cada peregrina e peregrino estes bons propósitos, abençoa esta peregrinação, fazendo com que cada um seja um raio de Tua luz neste mundo. Por Cristo, o Peregrino Maior, e na comunhão com o Espírito Santo! AMÉM!

3. A estrada é o Evangelho: Um estudo bíblico feito nas estradas

Por unanimidade resolvemos fazer a leitura e meditação dos 16 capítulos do Evangelho de Marcos. Seguimos a seguinte dinâmica: cada dia líamos um capítulo do Evangelho. Isso acontecia sempre na primeira oração coletiva da manhã. Alguém lia e após um bom silêncio iniciávamos a partilha e reflexão do mesmo, sempre fazendo a ligação com a caminhada que fazíamos no dia-a-dia. Logo passaremos a relatar alguns momentos dessa vivência.

Nesse estudo bíblico, feito nas estradas do Nordeste, percebemos que há referências bem claras. A exegese é feita a partir de referências bem concretas. A hermenêutica tem uma concretude na vivência diária da caminhada. É um estudo que nos leva a viver a proposta de Jesus na própria estrada. É um estudo que se constrói na vivência.

Há uma materialização do Evangelho. As atitudes das peregrinas e peregrinos devem pois imitar as atitudes do próprio Jesus. E nesse caso a mensagem do Evangelho de Marcos tem uma centralidade e a estrada é a chave de leitura.

Literalmente resolvemos seguir o título deste artigo: *Peregrinando com o Evangelho de Marcos.* Qual foi nossa experiência junto ao povo camponês da Paraíba? Quais eram os nossos objetivos nessa caminhada? O que nós encontramos nas estradas? Como o Evangelho de Marcos ecoou pelas estradas empoeiradas da várzea paraibana? É esse o sentido deste artigo.

Nossa peregrinação em julho de 1999 foi nas terras da Paraíba. Escolhemos caminhar na terra de Pedro Teixeira e Margarida Maria Alves[7]. Logo traçamos *nossos objetivos para esta peregrinação* (além dos critérios internos do grupo):

> *"Reconstruir o tecido social e as relações comunitárias inexistentes ou desgastadas pela dureza da vida e pelas tensões vividas na luta pela terra.*
> *Evangelizar na convivência com as pessoas e com a realidade, escutando e consolando com ternura, suscitando a solidariedade entre os pobres e entre as comunidades.*
> *Fortalecer a ação missionária dos animadores e animadoras por onde passarmos.*
> *Reafirmar a necessidade de novas relações entre homens e mulheres (questão de gênero) e a paixão pela Mãe Terra (perspectiva ecológica).*
> *Dialogar e aproximar-se dos grupos evangélicos tentando uma vivência autenticamente ecumênica.*
> *Recompor a Tradição Cristã, os tempos e os espaços sagrados, a Capela, a festa da Comunidade, a história da Igreja na região, os apelos da nova realidade.*
> *Suscitar e valorizar os 'ministérios e serviços da Comunidade': missão, evangelização, catequese, liturgia, bênção, profecia, consolação, animação, canto...*
> *Trabalhar e celebrar, acentuando o sentimento e a emoção das pessoas, na dimensão da subjetividade.*
> *Promover o protagonismo e a autonomia das pessoas, dos grupos e das comunidades, na perspectiva da conquista da plena cidadania*[8].
> *Procurar desenvolver uma mística da produção e valorizando as fontes de água como sinal de vida.*
> *Despertar o interesse para plantação de árvores e sementeiras na região.*
> *Fazer debates nas cidades, envolvendo entidades e formadores de opinião, a partir da realidade encontrada na região".*

Estes objetivos, direcionados para esta peregrinação, nortearam toda a caminhada.

No esforço atento de fazer uma leitura geral da realidade encontrada, podemos dizer que a mesma se expressa, em muitos aspectos, com uma certa semelhança com aquela que Jesus encontrou, e que está no Evangelho de Marcos. Jesus rompe com palavras e com gestos a realidade vigente que oprimia o pobre. Jesus desafia as autoridades e rompe com o sistema da religião oficial (Mc 11,12–12,44).

Assim também a realidade encontrada desafiou as peregrinas e peregrinos em caminhada e, paralelamente ao Evangelho de Marcos, víamos uma realidade que nos causava indignação.

No aspecto econômico encontramos uma situação de desemprego geral (considerando o conjunto da população visitada). Salários injustos, exploração dos trabalhadores e trabalhadoras, ausência dos sindicatos, falta de alternativas de emprego para quem tem que sair da agricultura, falta de preparação e de assistência técnica, aumento da fome e da miséria, saídas para as cidades, má distribuição da renda, endividamento dos produtores.

No aspecto social e político há uma educação sem qualidade, violência e insegurança, acentuação das desigualdades, inconsciência, ignorância, precariedade da saúde (hospitais sem médicos, sem remédios, algumas vezes falsificados), justiça comprometida com o poder e a riqueza, globalização da miséria, politicagem, inconsciência e oportunismo eleitorais.

A partir dessa realidade surgiu em nós uma profunda indignação ética diante do desprezo da vida.

Por outro lado, encontramos também um povo fraterno e solidário. A região proliferada de áreas de assentamentos e acampamentos nos falava claramente que havia uma mudança em curso em toda a região. O trabalho da Comissão Pastoral da Terra e do Movimento dos Sem-Terra deram uma fantástica contribuição ao avanço da luta pela conquista da terra[9].

7. Pedro Teixeira e Margarida Maria Alves foram lideranças de trabalhadores e trabalhadoras: o primeiro das Ligas Camponesas e a segundo do movimento sindical. Ambos foram assassinados por defender os trabalhadores e trabalhadoras do campo.

8. CNBB. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*: 37ª Assembléia Geral, Itaici. São Paulo: Paulinas, 1999.

9. A Comissão Pastoral da Terra é a entidade que tem uma presença mais sistemática na região e acompanha de maneira permanente vários assentamentos e áreas de ocupação de terra.

3.1. Estrada: lugar de rejeição e acolhida

A dinâmica da peregrinação lembra fortemente a peregrinação de Jesus e dos discípulos indo para Jerusalém. Caminhar com a proposta alternativa do Reino de Deus, que leva ao nivelamento fraterno das pessoas, provoca as oposições que querem conservar o padrão vigente que é de exploração. Como também caminhar do jeito de Jesus pode ocasionar reconhecimento por parte daqueles que são marginalizados e esperam uma libertação que não lhes vem de nenhum lugar.

Vivemos muitas situações durante esta peregrinação. Situações muitas vezes parecidas com partes do Evangelho relatado pelo evangelista Marcos. Tentaremos destacar algumas delas.

3.1.1. "... vemos que não fomos abandonados" (cf. Mc 1,31).

> *"Vivemos aqui um abandono muito grande. São muitas crianças passando fome. A escola somos nós mesmos. Nesse acampamento não temos muita ajuda, não. Só Deus mesmo e as pessoas de bom coração é que nos socorre. E, com essa peregrinagem aqui vemos que não fomos abandonados"* (Maria das Mercês, 28, uma das enfrentantes do acampamento).

Esse depoimento mostra o quanto as pessoas que visitamos têm sede de compartilhar a vida. Chegando nesse acampamento vimos que a fome assolava velhos e crianças. Reunimo-nos com eles para partilhar a vida e encontrar caminhos possíveis de solucionar a situação, iniciando pela mais urgente.

A partir da nossa passagem no acampamento houve um maior interesse de ajuda por parte das pessoas de um vilarejo vizinho. Era uma tentativa de provocar a partilha e solidariedade no meio dos pobres.

3.1.2. "... vocês para mim são o seminário de Deus" (cf. Mc 1,35-39).

> *"Eu vim aqui para convidar vocês para ir lá em casa. Eu quero que a graça de Deus entre em minha casa. Vocês vêm como os apóstolos de Cristo visitando e animando... Vocês para mim são o seminário de Deus. São hoje os apóstolos de Jesus no mundo que andam de lugar em lugar, de casa em casa, dando conselho e curando como Jesus. E temos certeza que a oração desse grupo cura como a de Jesus. É um grupo que anda fazendo o bem e expulsando todo tipo de malignidade, tudo de ruim"* (Josefa da Conceição, 74, moradora do assentamento).

Quando estávamos de passagem por um assentamento veio uma anciã ao nosso encontro e proferiu estas palavras. Levou-nos até sua casa e pediu que orássemos para em seguida partilhar conosco um pedaço de pão. A fé dessa mulher nos lembrou a fé de muitos que procuravam Jesus na confiança do coração.

Há uma clareza e nítida percepção de qual é o jeito de Jesus. O jeito de Jesus no Evangelho é percebido no jeito daqueles/as que andam *"animando... dando conselho... curando... e expulsando tudo de ruim"*. Ela percebe que a ação de Jesus é

uma coisa concreta e não abstrata: o caminho do bem que traz alegria e o caminho do mal que deve ser expulso. É perceber que o Evangelho é conflitivo. Os/as peregrinos/as são vistos como aqueles que não se moldam ao mundo que discrimina. São percebidos como discípulos de Jesus. Essa passagem nos colocou em sintonia com o texto: *"E foi por toda a Galiléia, pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios"* (Mc 1,35-39).

3.1.3. "...agora me sinto gente" (cf. Mc 3,1-6).

> *"... já faz 29 anos que perambulo de estrada afora e não sou aceito em canto nenhum. Sou um bêbado por causa da situação. Sou pobre e ninguém dá valor, mas vocês me aceitaram e me colocaram no meio da comunidade. Agora me sinto gente"* (Pedro João, 48, trabalhador que caminhou um percurso com o grupo até a próxima comunidade).

O caso desse trabalhador nos lembrou de imediato a cena de Mc 3,1-6 onde Jesus prioriza a pessoa. Esse trabalhador sofria rejeição e colocamos o mesmo no centro da celebração. No determinado momento ele começou a cantar e animar o momento da refeição. Só no final ele desabafou. "Agora me sinto gente". Na nossa reflexão, muitas vezes embaixo de um pé de árvore, lembramos que Jesus disse: "Levanta-te e vem aqui para o meio" (Mc 3,3).

3.1.4. "... eu nunca vi uma coisa dessas" (cf. Mc 8,1-9).

> *"Eu nunca vi uma coisa dessas. Para mim a partilha do pão foi a coisa mais bonita. Eu participo da igreja desde criança, vou à missa sempre e nunca vi uma coisa dessas. A celebração do pão foi uma coisa muito bonita. Era bom que vocês viessem aqui com mais freqüência"* (José Antônio, 72, membro de uma comunidade rural).

Esse depoimento revela a alegria de um ancião de participar de um momento celebrativo onde a partilha do pão foi central. Preparamos a liturgia com a participação da comunidade. Já antes da celebração, não paravam de chegar alimentos perto do altar. Uma equipe de mulheres logo se encarregou de preparar a sopa para todos. Foi uma celebração bonita com a participação de muitas crianças, jovens e adultos.

A imagem do banquete da vida (Mc 6,30-44) esteve sempre presente conosco durante toda a caminhada. Foi bonito de ver a comida multiplicada no meio dos pobres. Aconteceram refeições coletivas de 30, 60 e mais pessoas. Também tivemos momentos onde nos deparamos com o banquete da morte (Mc 6,14-29). Passamos em fazendas onde através de um jantar se planejava a morte dos inocentes. Herodes continua presente onde se maltrata o pobre que precisa de um chão para sobreviver com sua família.

3.1.5. "... aqui crente e católico é tudo uma coisa só" (cf. Mc 9,38-39).

> *"... minha obrigação é receber a todos como Jesus mandou. Não fazemos discriminação de ninguém. Aqui crente e católico é tudo uma coisa só"* (Dona Silva, 52, membro da Igreja Assembléia de Deus).

O que chamou a nossa atenção foi o gesto de dona Silva em ter nos recebido, quase sem dar uma palavra, com bolacha e café. Ela nos falou logo de início. O que Deus quer de nós é "amá-lo em espírito e verdade". Uma placa na frente da casa identificava de imediato: "Até aqui nos ajudou o Senhor". Passamos uma boa parte da tarde na casa dessa senhora. No final cantamos um hino da assembléia de Deus iniciado por ela: "Foi na cruz, foi na cruz que um dia eu vi. Meus pecados carregados em Jesus". No final da conversa estávamos de acordo que o que divide o mundo não é ser crente ou católico, mas incluir ou excluir o outro.

Na noite (sábado) que passamos neste assentamento, fomos convidados a participar de um culto e do Ofício de Nossa Senhora. Alguns peregrinos foram participar do culto enquanto outros foram participar de um Ofício de Nossa Senhora. Tudo acontecendo em casas bem próximas umas das outras. A iniciativa foi dos moradores do assentamento. E vimos que há uma aceitação razoável entre as partes.

Um trabalhador nos falava:

> *"Olhe, eu mesmo aceitei o Evangelho, mas continuo com a devoção com o meu padrinho Ciço do Juazeiro. Quando tem a festa de nossa padroeira eu vou lá. Gosto no mês de maio porque tem sempre um animado lanche no final da reza. Mas não perdo um culto do pastor. O senhor sabe que a gente tem que experimentar de tudo e saber viver. Só que o pastor não pode saber que eu faço isso, mas o que é importante é que Deus sabe de tudo e lê o coração da gente".*

Os exemplos de dona Silva e do trabalhador nos ensinaram que o ecumenismo de expressão popular tem uma linguagem própria. Eles entendem com uma certa facilidade *"porque quem não é contra nós é por nós"* (Mc 9,40).

3.1.6. "... enfrentei a polícia e os capangas" (Mc 16).

> *"... enfrentei a polícia e os capangas. Foi em uma ação de despejo que um policial/capanga bateu em um trabalhador e ele desmaiou. Eu fui acudi-lo e o capanga/policial meteu o cacetete no meu braço. E eu peguei ele pelo peito e disse que não fizesse isso com um pobre trabalhador e por que não ia fazer com os marginais e ladrões e fazia com um pobre que queria um pedaço de chão. Aí ele pegou minhas coisas (bolsa) e jogou no fogo aí eu peguei ele pela beca e joguei ele no fogo. Só que ele se livrou. Comecei a juntar as sementes para levar e ele disse que eu deixasse isso porque ia se dá mal. Eu continuei fazendo o ajuntamento da semente e coloquei nas costas e saí. Eu só esperava o tiro de doze nas costas, mas Deus foi maior"* (Maria da Glória, 39, moradora e enfrentante de um assentamento).

Na reflexão do texto de Marcos, capítulo 16, vemos que as mulheres são as primeiras a anunciarem a ressurreição. São as primeiras enfrentantes do anúncio do Ressuscitado. E anunciar o Ressuscitado é defender a vida, porque só assim se dá testemunho de Cristo.

Houve um destaque para a sensibilidade feminina nesta peregrinação. Em todos os lugares as mulheres estavam sempre na frente dos homens no sentido de servir e organizar. Foram sempre as primeiras a chegar (Mc 16,1).

No exemplo de Maria da Glória se concretiza a ação profética de Jesus. A defesa do pobre e oprimido. A indignação contra o autoritarismo das autoridades. Ela mostrou que prova de amor maior não há que doar a vida pelo irmão.

3.1.7. "... vocês acertaram" (Mc16,1-20).

> *"Vocês acertaram. Agradeço muito a vocês de perceber, de levantar e animar algumas comunidades"* (Pe. Hermínio Canova – vigário da paróquia de Cruz do Espírito Santo – PB).

Com essas palavras o padre que nos incentivou a fazer esta peregrinação na região percebeu que a Boa-Notícia foi anunciada de canto a canto da região. *"E eles saíram a pregar por toda parte, agindo com eles o Senhor, e confirmando a Palavra por meio dos sinais que a acompanhavam"* (Mc 16,20).

Os sinais de Deus são muitos nessa região da várzea da Paraíba. O verde do canavial que não transmitia esperança está sendo transformado em sinal de esperança através da plantação da mandioca, do milho, do feijão, da banana etc. A terra está sendo repartida. Isso é vitória de Deus, é Deus agindo por mãos humanas. Nesse dia refletíamos Mc 4,21-41.

4. Continuando a peregrinação que não acaba nunca

O livro de Marcos é apenas o começo da Boa Notícia (1,1). Agora somos convidados a seguir no discipulado de Jesus. E para isso é preciso praticar o testemunho de luta pela justiça fazendo renascer continuamente a esperança da vinda do Reino.

Fica conosco a missão de ir por todo o mundo retomando o mesmo anúncio de afirmação da vida. Anunciando uma palavra eficaz. O mundo, hoje, é atropelado pelas palavras. Temos muitas palavras, mas o mundo não muda. Em nós e fora de nós a palavra tem que se tornar eficaz, transformadora, realizando o que está enunciando. A palavra eficaz provoca rupturas. Jesus não veio para reformar, ele exige mudança radical (Mc 2,18-22).

Nossa peregrinação não acaba nunca porque devemos continuar o anúncio d'Aquele que, discretamente, "nos precede na Galiléia..." (Mc 16,7).

É nesse sentido que o Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste continua o Evangelho de Marcos entoando seu hino de lugar em lugar:

> *"Em busca da terra livre / de Zumbi a Conselheiro*
> *Ontem e hoje é nossa luta / pelo fim do cativeiro, ê, ê, ê.*
>
> *Pelo fim do cativeiro / a lutar com decisão*
> *Nova terra se conquista / pela força da união, ê, ê, ê.*

Pela força da união / com Jesus à nossa frente
Indo à Serra da Barriga / vai-se a mundo diferente, ê, ê, ê.

Vai-se a mundo diferente / pois chegada é a hora
O Reino de Deus vem vindo / e o céu começa agora, ê, ê, ê.

E o céu começa agora / quando eu lembro o Conselheiro
Comungando a mesma fé / vou chegando ao Juazeiro, ê, ê, ê.

Vou chegando ao Juazeiro / caminhando sempre a pé
Vou atrás do meu padrinho / logo chego em Santa Fé, ê, ê, ê.

Logo chego em Santa Fé / a cumprir minha missão
Me ajude o Ibiapina / a chegar no Caldeirão, ê, ê, ê.

A chegar no Caldeirão / pra deixar o meu orgulho
E passar no franciscano / repousando em Quebrangulo, ê, ê, ê".

A espiritualidade peregrina corresponde a uma luta, uma caminhada que corresponde a uma peregrinação interior. A peregrinação vai na direção de restaurar a mística do Reino. A espiritualidade do caminho deve ser entendida como mística do Reino. Uma peregrina deu uma definição do que seria o/a peregrino/a: "*É caminhar em busca de algo. É procurar... é aquele que quer encontrar Deus. E encontrar Deus é se dar uns aos outros. Sair de você mesmo para encontrar o outro*".

4.1. Última palavra para retornar à estrada

A estrada tem muitas riquezas e surpresas. A peregrinação é um caminho bonito. As experiências de peregrinação ao longo da história são uma coisa fantástica. É preciso olhar a história.

Nos séculos XII e XIII existiam movimentos que se rebelaram contra todo tipo de poder autoritário. E nessa época da Idade Média, de forma mais condensada, esse poder era concentrado na Igreja[10].

Portanto, tendo presente a tradição peregrina, devemos continuar firmes o caminho de antes, mas adaptando-o às condições presentes. O caminho da peregrinação é muito espinhoso, mas é também muito frutífero. Devemos, pois, ter a capacidade de reunir as diferenças para descobrir o amanhecer do novo. Finalmente, o Evangelho de Marcos nos deixa uma lição: *Crer na ressurreição é retomar o caminho de Jesus.*

Artur Peregrino
(José Artur Tavares de Brito)
Av. Mário Domingues, 1075
55000-000 Ribeirão, PE

10. Para aprofundar este tema ver trabalho de Alder Júlio Ferreira CALADO, *Formas de Resistência dos Movimentos Heréticos Medievais: o caso dos Goliardos e dos Cátaros*. Trabalho em forma de comunicação, apresentado na UFPB, 1999.